Amor e Pátria, de Joaquim Manuel de Macedo

Fonte:
MACEDO, Joaquim Manuel de. *Amor e Pátria*. Rio de Janeiro : Funarte, 1979. p. 149-172 (Clássicos do Teatro Brasileiro).

Texto proveniente de:
Algo Sobre Vestibular e Concurso
Permitido o uso apenas para fins educacionais.
Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email falecom@algosobre.com.br
http://www.algosobre.com.br

Texto-base digitalizado por:
Claudia de Moura Leite Ribeiro – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

AMOR E PÁTRIA
Joaquim Manuel de Macedo

Personagens:

Plácido
Prudêncio
Luciano
Velasco
Afonsina
Leonídia
Senhoras e Cavalheiros
Povo

A ação se passa no dia 15 de Setembro de 1822.

Drama em Um Ato

ATO ÚNICO

O teatro representa uma sala ornada com luxo e esmero em relação à época. Duas portas ao fundo, uma dando saída para a rua, e outra comunicando com uma sala; portas à direita; janelas à esquerda.

CENA PRIMEIRA

PLÁCIDO, PRUDÊNCIO, LEONÍDIA e AFONSINA, que observa curiosa uma caixa que está sobre uma cadeira, e a porta da sala do fundo que se acha fechada.

Plácido – Ela já nem pode disfarçar a curiosidade que a atormenta; tem andado em volta da caixa mais de quatro vezes.

Leonídia – Coitadinha! Aquilo é tão natural na sua idade...

Prudêncio – Acrescente-lhe: e no seu sexo... Nunca vi pais tão desfrutáveis!

Plácido – Agora lá vai ela direitinha olhar pelo buraco da fechadura da porta: então que disse eu?...

Leonídia – Faz-me pena vê-la assim martirizando-se.

Plácido – É para que no fim ainda mais agradável e completa lhe seja a surpresa.

Prudêncio – E vocês acham muito bonito o que está fazendo minha sobrinha?...

Plácido – Então que lhe acha, senhor tenente rabugento?...

Prudêncio – Nada: apenas uma comédia em que uma sala trancada e uma caixa fechada fazem lembrar o pomo vedado, e em que Afonsina representa o papel de Eva e minha irmã e meu cunhado o da serpente tentadora ou do diabo, que é a mesma coisa.

Leonídia – Este meu irmão tem lembranças felizes!

Prudêncio – Vocês hão de acabar por perder completamente aquela menina! O senhor meu cunhado com as idéias que trouxe da sua viagem à França e a senhora minha irmã com a sua cegueira de mãe extremosa, deram-lhe uma educação como se a quisessem para doutora de borla e capelo: fizeram-na aprender tudo quanto ela podia ignorar, e a deixaram em jejum a respeito do que devia saber. Assim, minha sobrinha dança melhor do que as bailarinas do teatro de S. João; toca o seu cravo a ponto de admirar ao padre José Maurício: canta e gorjeia que parece um dos italianos da capela real; conversa com os homens como se eles fossem mulheres; é capaz de discutirsobre teologia com Frei Sampaio, e sobre arte militar com o general Corado; mais se lhe perguntarem como se toma ponto a uma das meias, como se prepara um bom jantar, como se governa uma casa, espicha-se completamente: eu até aposto que ela não sabe rezar.

Leonídia – Afonsina é um tesouro de talentos e de virtudes, e você na passa de uma má língua.

Prudêncio – Oh! Pois não! Nem os sete sábios da Grécia lhe dão volta! Ela faz versos como o defunto padre Caldas; fala em política e é tão eloqüente como o Antônio Carlos; é

tão revolucionária como o Barata... Não sei por que ainda não quis se deputado às cortes!... Havemos de lá chegar: creio, porém, que já escreve seus artigos para o *Reverbero,* e que para isso está de inteligência com o Ledo e o padre Januário: até bem pode ser que vocês já a tenham feito pedreira livre, e que a menina fale com o diabo à meia-noite.

Afonsina (Vem à frente) – Minha mãe...

Leonídia – Que tens, Afonsina? Pareces-me triste...

Plácido – É verdade, minha filha: que quer dizer esse ar melancólico no dia dos teus anos, e quando te preparamos uma bela festa?...

Afonsina – É que ...eu...meu pai, eu não posso mais...

Prudêncio – *Talis arbor, talis fructus!* De um casal sem juízo na podia nascer senão uma doidinha.

Leonídia – Mas que te falta, dize?

Afonsina – Ah! Minha mãe, aquela sala e esta caixa atormentam-me, exasperam-me...

Prudêncio – Andem depressa...andem...satisfaçam a curiosidade da menina, antes que ela arranje algum faniquito.

Plácido – E que tens que ver com aquela sala e com essa caixa?...

Afonsina – É uma curiosidade bem natural: esta caixa, que está fechada, talvez contenha algum objeto interessante, e aquela porta, que e sempre esteve aberta e que hoje amanheceu trancada, encerra necessariamente algum mistério, e portanto...

Prudêncio – Vamos à conseqüência, que há se ser sublime!...

Afonsina – A conseqüência, meu tio?... Ei-la, aí vai:

Deixar de ser curiosa
Por certo não está em mim:
É pecado feminino,
Por força hei de ser assim.

O que em todas se perdoa,
Também se desculpe em mim:
Mamãe sabe que as mulheres
São todas, todas assim.

Mamãe, aquela caixa,
Papai, aquela sala,
Encerram um segredo

Que o meu sossego abala.

Juntamente

Afonsina- Saber desejo
O qu'ali'stá;
Eu sou teimosa,
Sou curiosa
Sou caprichosa,
Sou ardilosa,
Serei vaidosa;
Mas não sou má.

Plácido e Leonídia - Ninguém lhe diga
O qu'ali'stá;
Será teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E ardilosa;
Será vaidosa:
Mas não és má.

Prudêncio - Ninguém lhe diga
O qu'ali'stá;
Tu és teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E ardilosa,
Muito vaidosa,
E também má.
Não foras tu mulher, minha rica sobrinha!

Afonsina – Meu tio, não é muito que eu tenha um defeito que é comum nas mulheres, quando falta à vossa mercê uma das primeiras virtudes dos homens.

Plácido – Afonsina!

Prudêncio – Deixem falar a retórica; diga lá, minha senhora: qual é então essa virtude que me falta?

Afonsina – É a coragem, meu tio.

Prudêncio – Ora, fico-lhe muito obrigado! Sou um grandíssimo poltrão, porque não entro em revoluções nem em bernardas, e guardo a minha espada de tenente de ordenanças para as grandes crises e os momentos supremos?

Afonsina – Então é bem para recear que a sua espada fique eternamente na bainha.

Prudêncio – Pode fazer o favor de dizer por quê?

Afonsina – É bem simples: é porque vossa mercê nem considera momento supremo aquele em que se trata da regeneração e da independência da pátria.

Prudêncio – E eu creio que era mais próprio da senhora ocupar-se com bilros e agulhas, do que com independências e regenerações políticas: uma mulher metida em negócios do Estado, é capaz de transformar a nação em casa de Orates.

Afonsina – Porém, meu tio, olhe que nem por isso o momento deixa de ser supremo, e é preciso que nos dê provas do seu valor.

Prudêncio – Provavelmente quer que eu deite a correr pelas ruas, dando vivas ao que não entendo e morras a quem nunca me fez mal, e que me exponha a ter a sorte do Tiradentes, como está fazendo o seu querido Luciano, que é um doido de pedras.

Leonídia – Mano Prudêncio, atenda ao que diz!

Plácido – Luciano cumpre o seu dever: a causa que adotou é a de sua pátria, e se morrer por ela será um mártir, um herói; nunca, porém, um louco.

Prudêncio – Pode-se bem servir à pátria sem fazer traquinadas.

Afonsina – É verdade; meu tio tem razão: Luciano é um louco, e ele um homem de muito juízo, de uma bravura e de um patriotismo como nunca vi!

Prudêncio – A senhora parece que quer divertir-se comigo?

Afonsina – Eu quero somente recordar agora alguns fatos. A nove de janeiro deste ano, o senado da câmara foi, em nome do povo, representar ao príncipe contra a sua retirada do Brasil; não houve um só patriota que não corresse ao largo do Paço; meu tio, o momento era supremo e quando se ouviu repetir o glorioso – Fico – do Príncipe, o primeiro que o saudou com um viva entusiástico foi Luciano, e entre aqueles que responderam a esse brado patriótico, ouvi dizer que não se achava meu tio.

Prudêncio – Estava retido em casa com um ataque de maleitas.

Plácido (*A Leonídia*) – Afonsina esqueceu-se da sala e da caixa.

Leonídia (*A Plácido*) – Pois se foram ofender o seu Luciano!

Afonsina – Dois dias depois, a onze de janeiro, Avilez e as tropas lusitanas ocuparam o morro do Castelo; a luta parecia dever começar; os brasileiros correram para o campo de Santana e Luciano foi o chefe de uma companhia de voluntários. Meu tio, o momento era outra vez supremo, e ouvi dizer que vossa mercê não apareceu durante três dias.

Prudêncio – Estava de erisipela, senão veriam!

Plácido (*A Leonídia*) – Olha a cara com que está o mano Prudêncio.

Leonídia (*A Plácido*) – Bem feito: é para não ser bazófio.

Afonsina – Mas Avilez retirou-se com os seus para a Praia Grande; o perigo não tinha ainda passado, e no campo do Barreto reuniram-se as milícias brasileiras e as falanges dos patriotas: Luciano, à frente dos seus bravos companheiros, lá se achou pronto para o combate e fiel à causa da pátria. Ah! Meu tio, o momento era de novo ou continuava a ser supremo, e eu ouvi dizer que não houve quem pudesse descobrir onde vossa mercê se escondia.

Prudêncio – Achava-me atacado de reumatismo nas pernas.

Afonsina – Ah! É que vossa mercê é um compêndio de todas as moléstias, e eu tenho reparado que sempre adoece a propósito!

Prudêncio – Eu sou o que diz o meu nome: Prudêncio! O homem da prudência; não hei de nunca desonrar a minha espada de tenente de ordenanças em bernardas de pouco mais ou menos; chegue, porém, o dia de uma grande e verdadeira batalha, em que haja cargas de cavalaria, descargas de infantaria, trovoada de artilharia, e verão como brilho no meu elemento!

Afonsina – Com vossa mercê na batalha há de haver por força uma carnagem horrorosa!

Plácido, Leonídia e Afonsina, *juntamente.*

Se os tambores rufassem deveras,
À peleja os guerreiros chamando,
O tenente Prudêncio, chorando,
Fugiria medroso e poltrão.

Prudêncio – Não!não! não!

Se os tambores rufassem deveras,
À peleja os guerreiros chamando,
Meu ginete veloz cavalgando,
Eu voara com a espada na mão.

Façam de conta
Que negra afronta
Sem mais tardar
Corro a vingar.
A uns degolo,
Outros esfolo,
Outros imolo,

Sem trepidar.
Zás! Cutilada!
Zás! Estocada!
Zás! Pistolada!
Sem descansar:
E derribando,
E cutilando,
E decepando
Sem respirar,
Só me detenho
No fero empenho,
Quando não tenho
Mais quem matar.

(*Ouve-se o rufar de tambores*)
(*Assusta-se*) Misericórdia! Que é isto?

Plácido, Leonídia e Afonsina – Avante! Avante! Prossiga!
Chama o tambor os guerreiros!

Prudêncio – Estou com dor de barriga.

Leonídia – Que tremor é esse, mano Prudêncio? dir-se-ia que tem medo!

Prudêncio – Não é medo, não; mas vocês sabem que eu sou muito nervoso, e assim...um rufar de repente...

Afonsina (*Que tem ido à janela*) – Sossegue, meu tio: é apenas a guarda do paço que se vai render.

Prudêncio – E quem foi que se assustou aqui?

O rufo dos tambores
Exalta o meu valor
Com a durindana em punho,
Nas asas do furor,
Eu levo aos inimigos
A morte e o terror.

Plácido, Leonídia e Afonsina, *juntamente*

O rufo dos tambores
Abate o seu valor;
Não sabe mais da espada,
Tem medo e não furor,
E em dores de barriga
Disfarça o seu terror.

Afonsina – Realmente, meu tio, vossa mercê vale os doze Pares de França juntos!

Prudêncio – Eu sou assim; sou o homem das grandes ocasiões!

CENA II
Os precedentes e Luciano

Luciano – Mas o pior é, tio Prudêncio, que as suas grandes ocasiões não chegam nunca.

Prudêncio – Ora, eis aí o senhor espalha-brasas conosco! Faça coro ali com a senhora, e venha também divertir-se comigo.

Luciano – Nada de amofinar-se; o dia de hoje é de festa, e portanto não se enfade.

Plácido – Entretanto, vejo-te de chapéu na mão, e disposto a roubar a Afonsina algumas horas de um dia, que deveria ser todo consagrado a ela.

Luciano – Meu pai, eu conto com o perdão de Afonsina e com o seu, asseverando que somente motivos da mais grave importância me obrigam a sair por uma hora.

Prudêncio – Oh! Pois não! O senhor anda sempre ocupado com assuntos da mais elevada transcendência; não há bernarda em que não entre, nem revolucionário a quem não conheça; agora então vive sempre pelas grimpas; freqüenta a casa do advogado Rocha, já é maçom, e ainda ontem foi duas vezes à casa do ministro José Bonifácio.

Plácido – Muito bem, Luciano! Muito bem! Estas amizades fazem a tua glória: vai, meu filho, e continua a proceder como até aqui. (*Tocam cornetas*)

Prudêncio – Pior vai ela! Que diabo de tempo em que a cada instante se ouvem os ecos das cornetas e o rufar dos tambores!

Luciano – Creio que hoje deve ter lugar algum acontecimento importante; o nosso magnânimo Príncipe está a chegar de S. Paulo; mas...tio Prudêncio, por que não vai saber que novidades há?

Prudêncio – Pensa que tenho medo? ... pois vou imediatamente. (*À parte*) Hei de pôr a cabeça na rua; mas, pelo sim, pelo não, deixarei o corpo no corredor. (*Vai-se*)

Luciano - Meu pai, procurei um meio de afastar o tio Prudêncio, porque antes de sair preciso dizer-lhe duas palavras em particular.

Leonídia – Visto isso, também devemos retirar-nos?

Luciano – Por um instante só, minha mãe.

Leonídia (*A Plácido*) – Acho Luciano hoje mais sério do que costuma mostrar-se.

Luciano (*A Afonsina*) – Afonsina, eu voltarei nas asas do amor.

Afonsina (*A Luciano*) – Nunca sem tardar muito para a minha saudade.

Leonídia – Vem, Afonsina. (*Vai-se*)

Afonsina (*À parte*) – E ainda não sei o que contém a caixa nem a sala. (*Vai-se*)

CENA III
Plácido e Luciano

Plácido – Estamos sós, Luciano, e eu confesso que estou ansioso por saber que espécie de confidência me queres fazer.

Luciano – Meu pai, é força que eu lhe dirija uma pergunta, que aliás considero desnecessária. Oh! Por Deus o juro: não duvido, nem duvidei jamais da única resposta que vossa mercê vai dar-me; mas... julgou-se...é essencial que eu a ouça da sua boca.

Plácido – Excitas a minha curiosidade e começas a desassossegar-me: Fala.

Luciano – Algum dia... vossa mercê se pronunciou contra o Príncipe e contra a causa do Brasil?...Mandou alguma vez socorros ou comunicações a Avilez quando ele esteve na Praia Grande, ou o aconselhou a resistir às ordens do Príncipe?

Plácido – Luciano! És tu que me devias fazer uma tal pergunta?

Luciano – Não...não...eu bem o sei, eu o conheço, meu pai sinto que o ofendo: mas acreite que era indispensável que eu lhe fizesse esta pergunta, como é indispensável que eu ouça um – não – pronunciado pela sua boca.

Plácido – É possível!

Luciano – Oh! Responda-me por compaixão!

Plácido – Pois bem: pela minha honra, pela honra de minha mulher, pela pureza de minha filha, eu te afirmo que não.

Luciano – Obrigado, meu pai! Mil vezes obrigado! Nestas épocas violentas, nestes dias de crise, há às vezes quem duvide da consciência mais pura e da probidade mais ilibada; oh! mas a pátria de seus filhos é também a sua pátria e...oh meu Deus! Que imensa felicidade me inunda o coração! (*Abraça Plácido*)

Plácido – Sim! Eu amo o Brasil, como o mais patriota dos seus filhos!

Luciano – Tocamos a hora suprema, meu pai! O Príncipe chegará de São Paulo talvez hoje mesmo; a última carta vai ser jogada, e o Brasil será contado entre as nações do mundo. Oh! sinto abrasar-me a chama do patriotismo! O Grito de liberdade e da independência soa já em meus ouvidos e em meu coração! Meu pai, um dia de glória vai brilhar para a minha pátria, e se combate houver, e se nele sucumbir teu filho, não o lamentes, porque morrerei a morte dos bravos, defendendo a mais santa das causas e mais bela das pátrias!

Plácido – Sim! Avante! Avante! avante!(*Abraçam-se; soam trombetas*)
Soam de novo as trombetas...Que será?

Luciano – A trombeta belicosa
Chama os bravos à peleja!
Infame, maldito seja
Quem recusa combater.

Da liberdade da pátria
A causa é sagrada e bela;
É honra vencer com ela,
Honra por ela morrer.

Quebrar da pátria o jugo
É dos heróis a glória:
Às armas, brasileiros;
A morte ou a vitória!

CENA IV

Plácido (*Só*) – Como é sublime o grito do patriotismo! Mas esta pergunta que Luciano acaba de fazer-me envolve talvez algum sinistro mistério!...embora! tenho a minha consciência tranqüila; para longe as idéias tristes: o aniversário natalício da minha Afonsina seja todo de alegria e de ventura...e é já tempo de revelar o segredo da caixa e da sala: Leonídia! Afonsina! Então que é isso?...querem ficar lá dentro dia inteiro?

CENA V
Plácido, Leonídia e Afonsina

Leonídia – Plácido, Afonsina ainda não me deixou sossegar um instante, e quer por força que eu lhe revele o nosso segredo.

Plácido – Tens então muita vontade de saber o que encerra esta caixa e que se acha naquela sala?

Afonsina – Oh! muita, meu pai... e também para martírio já é bastante.

Plácido – Pois bem: eis aqui a chave da sala; abre a porta e olha. (Dá a chave, Afonsina vai

ver) Que vês?...

Afonsina – Um altar!...para que se armou aqui um altar?

Plácido (*O mesmo*) – Abre agora acaixa; aqui tens a chave.

Afonsina – Ah!

Leonídia – Que encontraste na caixa, Afonsina!...

Afonsina – Um vestido...um véu...e uma coroa de noiva...

Leonídia – E não sabes a quem devem pertencer?...

Afonsina – Minha mãe ...eu não sei...
Plácido – Afonsina, minha Afonsina: não te lembras que ao receber cheio de júbilo o pedido de tua mão, que nos fez Luciano, eu exigi que o dia do casamento fosse marcado por mim?...Pois esse dia feliz é hoje, hoje, que também é o dia dos teus anos e que será o mais belo da minha vida!

Afonsina – Meu pai!...minha mãe!...

Leonídia – Estás contente, Afonsina?...Oh! mas atua alegria não excede a que enche o coração de tua mãe!...

Prudêncio (*Dentro*) – Então já está descoberto o segredo?... Pode-se cumprimentar a noiva com todos os ff e rr do estilo?

Plácido – Sim ...sim...Afonsina já abriu a caixa e a sala.

Prudêncio – em tal caso, avanço com o meu batalhão...avante, camaradas!

CENA VI
Os precedentes, Prudêncio, cavalheiros e senhoras

Coro – Salve o ditoso
Dia propício
De natalício
E de himeneu

Salve, mil vezes,
Noiva adorada,
Abençoada
Por Deus no céu.

(*Plácido cumprimenta; as senhoras cercam Afonsina, etc)*

Plácido – Obrigado, meus senhores, obrigado!

Prudêncio – Muito bem! Excelentemente; e agora queira Deus que o encanto do casamento, que põe a cabeça à roda a todas as moças, queira pelo contrário dar à minha sobrinha a única coisa que lhe falta, isto é, o juízo no seu lugar.

Leonídia – Mano Prudêncio, você esquece o respeito que deve à princesa da festa.

Prudêncio – Pois se eu tenho a cabeça completamente aturdida com os tambores que rufam lá fora, e com os parabéns e alegrias que fervem cá dentro!não sei como hei de haver! Na praça a guerra, que é o meu elemento, e em casa um casamento que e faz encher a boca d'água. Olhe: até me havia esquecido de lhe entregar uma carta, que há pouco veio trazer um criado da nossa prima, a mulher do intendente da polícia.
Leonídia – Uma carta do intendente?...Que novidade haverá?

Plácido – Aposto que adivinhou o casamento de Afonsina...

Leonídia (*Lendo*) – Meu Deus!...

Plácido – Leonídia muda de cor e treme!...Que será?

Prudêncio – A cartinha, pelo jeito, parece mais um convite de enterro, do que carta de parabéns: quem sabe se não é notícia de alguma bernarda?...Ora, que não se pode ter sossego neste tempo de revoluções!...tomara que eu levasse o diabo a todo o patriota que não é como eu amigo do cômodo.

Plácido – Recebeste, por certo, uma notícia desagradável...

Afonsina – Minha mãe, que há?

Leonídia – Que há de ser?...Minha prima se mostra ressentida, porque não a prevenimos do teu casamento; queixa-se de mim, e declara-se enfadada; mas vou já obriga-la a fazer as pazes comigo; voltarei dentro em pouco; no entanto, minhas senhoras...

Prudêncio – As honras da casa ficam por minha conta: minhas senhoras, aquela porta dá caminho para o jardim; aquela, meus senhores, abre-se para uma sala de jogo: às senhoras as flores, aos homens as cartas! Vamos... (*Repetem o canto e vão-se)*

CENA VII
Plácido e Leonídia

Plácido – Houve há pouco uma pessoa, a quem não conseguiste enganar, Leonidia.

Leonídia – Nem tive esse pensamento, meu amigo; lê esta carta; mas lembra-te de que hoje é o dia do casamento de nossa filha: tem coragem e prudência.

Plácido (*Lendo*) – "Cumpro um dever de amizade e prevenindo-te de que teu marido foi denunciado como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil; o governo toma medidas a esse respeito; o denunciante, cujo nome não te posso confiar, é um moço ingrato e perverso, que deve tudo a teu marido, que o acolheu em seu seio e tem sido o seu constante protetor. Vês bem que este aviso, que te dou, pode, se chegar ao conhecimento do governo, comprometer ao intendente. Fala-se na deportação do senhor Plácido; mas há quem trabalhe em seu favor. Adeus." Infâmia!

Leonídia – Silêncio...

Plácido – Mas é uma horrível calúnia que me levanta!

Leonídia – Sê prudente, meu amigo; convém que não transpire este segredo; eu vou imediatamente falar à minha prima, e conto desfazer toda esta intriga. Deus há de ser por nós..Promete-me ficar sossegado...

Plácido – Sim...sim...vai...e sobretudo, e antes de tudo, traze-me o nome do infame caluniador.

Leonídia – Hei de trazer-te a alegria, mas não me lembrarei da vingança. (Vai-se)

CENA VIII
Plácido *e logo* Velasco

Plácido – Que abominável trama! Quem será o infame denunciante? (*Lendo*) "...Um ingrato que me deve tudo" Meu deus! Diz-me a consciência que tenho estendido a mão e socorrido a muitos infelizes... Qual seria então dentre esses o que assim me calunia, e me faz passar pó inimigo de um Príncipe heróico e do país abençoado, que me deu felicidade e riqueza! Por inimigo da causa do Brasil, do Brasil, que é a pátria querida de minha mulher e de minha filha!... e é, em tal circunstância, que nem Luciano me aparece? Oh! nem tenho um amigo a meu lado!

Velasco – É porque não quer voltar os olhos, senhor Plácido.

Plácido – Velasco...senhor Velasco...

Velasco – Velasco, dizia bem; pode tratar-me como um filho, pois que tem sido meu pai.

Plácido – Obrigado.

Velasco – Chamava um amigo seguro: eis-me aqui.

Plácido – Mas...

Velasco – Senhor, não procuro arrebatar-lhe um segredo; sei que um negro pesar atormenta

o seu coração, e que um desejo ardente se agita no seu espírito.

Plácido – Como?...que quer dizer?

Velasco – O pesar nasceu de uma denúncia caluniosa e malvada: o desejo é de saber o nome do miserável denunciante.

Plácido – É isso, é isso mesmo: quero saber esse nome...diga e ...

Velasco – Vou dizê-lo, senhor; antes, porém, é força que eu traga à sua memória os benefícios que lhe devo.

Plácido – Perderá assim um tempo muito precioso: diga-me o nome do meu denunciante.

Velasco – Ouça primeiro, senhor: cheguei, há três anos, da ilha do Faial, minha pátria, e desembarcando nas parias do Rio de Janeiro, achei-me só, sem pão, sem protetor, sem amparo; mas o senhor Plácido condoeu-se de mim, recebeu-me em sua casa, fez-me seu caixeiro, deu-me a sua mesa, deu-me o teto que me abrigou, e enfim abriu-me o caminho da fortuna: já estabelecido há um ano, chegarei um dia a ser talvez um rico negociante, graças unicamente ao seu patrocínio. A meus pais devi acidentalmente a vida; ao senhor Plácido devo tudo, tudo absolutamente, e portanto, é vossa mercê para mim ainda mais do que são meus pais.

Plácido – Senhor, antes dos pais, Deus, e a pátria somente; mas a que vem essa história?...

Velasco – Repeti-a para perguntar-lhe agora se um homem que lhe deve tanto poderia procurar enganá-lo?

Plácido – Senhor Velasco, nunca duvidei da sua honra, nem da sua palavra.

Velasco – E se eu, pronunciando agora o nome do seu denunciante, quebrar uma das fibras mais delicadas do seu coração? Se...

Plácido – Embora...eu devo, eu quero saber esse nome...

Velasco – Pois bem: o seu denunciante...foi...

Plácido – Acabe...

Velasco – O senhor Luciano.

Plácido – Mente!

Velasco – Senhor Plácido!...

Plácido – Perdoe-me...fui precipitado; mas Luciano...não...não é possível!

Velasco – E no entanto foi ele!

Plácido – Está enganado: Luciano é a honra...

Velasco – Tenho um patrício empregado na polícia, e dele recebi esta confidência: vi a denúncia escrita pela letra do senhor Luciano.

Plácido – Meu Deus! É incrível! (*Reflete*) Não... Luciano não pode ser; o noivo de minha filha...o meu filho adotivo...o meu...não, não: é falso.

Velasco – Cumpri o meu dever; o mais não pe da minha conta; rogo-lhe somente que não comprometa o meu amigo, que perderia o seu emprego se se descobrisse que...

Plácido – Pode sossegar...não o comprometerei; mas Luciano!... com que fim cometeria ele uma ação tão indigna?

Velasco – Senhor Plácido, a sua pergunta não é difícil de ser satisfeita: o senhor Luciano há dois dias que não deixa a casa do ministro José Bonifácio: uma deportação pronta e imediata precipitaria o casamento desde tanto por ele suspirado, e ao mesmo tempo deixaria em suas mãos a riqueza imensa do deportado, ficando o segredo da traição oculto nas sombras da polícia.

Plácido – Quem poderia acreditá-lo!... Mas... realmente todas as presunções o condenam: há pouco ele tremeu e confundiu-se, ouvindo Prudêncio dizer que o tinha visto ontem entrar duas vezes na casa do ministro: a carta da mulher do intendente diz que o denunciante é um ingrato, que tudo me deve, que eu acolhi em meu seio, é de quem tenho sido o constante protetor... Oh! miséria da humanidade!...oh! infâmia sem igual! Foi ele! O caluniador, o infame; o denunciante foi Luciano!

Velasco – Ainda bem que a verdade brilha a seus olhos; mas... não se exaspere: a inocência triunfará e o crime deve ser condenado ao desprezo.

Plácido – Ao desprezo? Não: o seu castigo há de ser exemplar: juro, que um ingrato não será o esposo de minha filha; o demônio não se há de unir a um anjo de virtudes: oh! o céu me inspira ao mesmo tempo o castigo do crime e o prêmio do mérito. Senhor Velasco, há dois meses pediu-me o senhor a mão de minha fiha, e eu lha recusei, dizendo que Afonsina estava prometida em casamento a Luciano; pois bem, o motivo da recusa desapareceu: minha filha será sua esposa.

Velasco – Senhor...

Plácido – Recusa a mão de minha filha?...

Velasco – Oh! não, mas a senhora Dona Afonsina ama ao senhor Luciano.

Plácido – Aborrecê-lo-á dentro em pouco: minha filha ama somente a virtude, e um ingrato há de inspira-lhe horror.

Velasco – Mas eu nem mesmo assim serei amado: e em tal caso...

Plácido – Respondo pelo coração de Afonsina; não pretendo coagi-lo...

Velasco – Senhor, é a felicidade que me está oferecendo; abre-me as portas do céu: e pensa que eu hesitarei em beijar-lhe a mão, recebendo de sua boca o nome de filho?

Plácido – Ainda bem! Oh! Luciano! Luciano! Mal sabes o que te espera!...Senhor Velasco, vá reunir-se aos nossos amigos, e...silêncio. (*Vai para dentro*).

Velasco – Acabo de lançar-me em um caminho perigoso; embora: quem não arrisca, não ganha. Se eu perder no jogo, terei pelo menos feito beber fel e vinagre a esse revolucionário que detesto, a esta família estúpida que não me aprecia bastante, e ao senhor Plácido, que, sendo meu patrício, me havia posto de lado para casar a filha e dar a sua riqueza a um brasileiro!... Ânimo! O dia é para mim de jogo forte. Vou jogar. (*Entra).*

CENA IX
Afonsina e *logo* Luciano

Afonsina – Como sou feliz! O horizonte da minha vida é um quadro de flores: amo, sou amada; meus pais abençoam o meu amor e meus votos; meus juramento de envolta com os de Luciano vão ser levados ao céu nas asas dos anjos!Oh! Meu Deus! Meu Deus! O coração é muito pequeno para tão grande felicidade.

Luciano – Afonsina! Minha Afonsina!

Afonsina – Luciano...já sabes...

Luciano – Encontrei na casa do intendente nossa mãe, que tudo me disso, e vejo a coroa e o véu de noiva em tua cabeça patenteando a minha glória: oh! de joelhos! de joelhos! Agradeçamos a Deus tanta ventura!

Afonsina – Sim... sim... é impossível mais felicidade do que a nossa.

Luciano – E ainda é maior do que pensas; errarei muito se não é verdade que saudaremos hoje a um só tempo o triunfo sincero do amor e o triunfo heróico da pátria: Afonsina, os cantos de amor vão misturar-se com os hinos da liberdade...

Afonsina – Como?

Luciano – Creio que um acontecimento grandioso teve lugar. O ministro José Bonifácio acaba de receber despachos e notícias do Príncipe; oh! o meu coração transborda de entusiasmo, e eu espero saudar hoje a pátria da minha Afonsina, como nação livre e independente.

Afonsina – Oh! praza ao céu que a glória da pátria venha refletir seus raios brilhantes sobre a pira do nosso himeneu.

Luciano – E a pátria será tua única rival; a amada única que terei além de ti!

Afonsina – Mas a essa minha rival eu amo, eu adoro também! Nem eu te quisera para meu esposo se não a amasses tanto! A essa minha rival...Oh! meu Luciano, amo-a! adoro-a tanto, como a mim! Ainda mais do que a mim!...

Luciano – Afonsina!

Afonsina – (*Correndo a abraçar-se)* – Luciano!

CENA X
Os precedentes, e Plácido *aparecendo.*

Plácido – Separai-vos!...

Afonsina – Meu pai!...

Luciano – Senhor!...

Plácido – Separai-vos, disse: Afonsina, o teu casamento só mais tarde terá lugar, e outro será teu esposo, porque este senhor é...um...infame...

Luciano – Infame! Infame!...oh! meu Deus! Eu mataria outro qualquer homem que ousasse dizê-lo!

Afonsina – Luciano!... é meu pai!

Luciano – Estás vendo que o não esqueci.

Plácido – Nada mais há de comum entre nós: o senhor sabe que praticou uma infâmia,e tanto basta. Seja feliz...suba...conquiste posição...honras...fortuna; pressinto que terá um futuro imenso... é hábil...conseguirá tudo, menos ser esposo de minha filha.

Afonsina – Meu pai, caluniaram a Luciano.

Plácido – Não; foi ele que se desonrou.

Afonsina – É calúnia, meu pai!

Luciano – Obrigado, Afonsina; juro-te pela nossa pátria, que me faze justiça. (*A Plácido*) Senhor, ninguém no mundo, e nem vossa mercê, é mais honrado do que eu.

Plácido – Acabemos com isto (Falando para dentro). Venham todos, entrem, senhores!

Afonsina – Oh! meu Deus!...Luciano...

Luciano – Sossega.

CENA XI
Os precedentes, Prudêncio, Velasco, Senhoras, Cavalheiros.

Prudêncio – São horas do casamento?...

Plácido – Justiça seja feita!

Prudêncio – Justiça! Tenho muito medo desta senhora, porque padece da vista, e às vezes dá pancada de cego.

Plácido – Senhores, tenho de cumprir um ato de solene justiça; ouçam-me.

Afonsina – Eu tremo!...

Plácido – Sejam todos testemunhas do que vou dizer, e do que se vai passar. Senhores, acabo de romper o casamento que devia celebrar-se hoje. O senhor Luciano é indigno da mão de minha filha.

Prudêncio – Então como diabo foi isso?

Plácido – Esse mancebo, a quem sempre servi de pai desvelado, atraiçoou-me, feriu-me com a mais perversa calúnia. Esperando, sem dúvida, ficar de posse dos meus bens e riqueza, denunciou-me ao governo como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil, e pediu a minha imediata deportação.

Afonsina – Luciano? é impossível, meu pai!...

Prudêncio – Já não há impossíveis no mundo, minha senhora: e ia esta pombinha sem fel cair nas garras daquele revolucionário!

Velasco – (*Á parte*) – Chegamos ao fim do jogo: tenho esperanças de ganha-lo; mas confesso que estou com receio da última cartada.

Plácido – A perfídia do ingrato foi a tempo descoberta: espero em Deus não ser deportado; e ainda bem que posso salvar minha filha!

Prudêncio – Apoiado! Nada de contemplações...

Plácido – E agora, senhores, revelarei a todos um segredo de família, que eu hoje tinha de confiar somente ao senhor Luciano. Sabem os meus amigos que eu tive um irmão querido, meu sócio nos prazeres e nas aflições da vida, e também meu sócio no comércio; a morte

roubou-me esse irmão, cuja fortuna herdei, como seu único parente. Pois bem, esse irmão muito amado, ferido de súbito pelo mal que o devia levar em poucos instantes à sepultura, reconhecendo o seu estado, e vendo que se aproximava do transe derradeiro, chamou-me para junto de seu leito e disse-me: "Plácido, sabes que tenho um filho, penhor de um amor infeliz e ilegítimo; ignorem todos este segredo, e tu recolhe meu filho, educa-o, zela a fortuna que deixo e que deve pertencer-lhe; e se ele se mostrar digno de nós, se for um homem honrado , entrega-lhe a sua herança." Concluindo estas palavras, meu irmão expirou. Senhores, o filho de meu irmão é o senhor Luciano!

Luciano – Grande Deus!...

Afonsina – É me primo!

Prudêncio – Esta é de deixar um homem de boca aberta um dia inteiro!

Velasco – (*À parte*) – Complica-se o enredo...e...palavra de honra, creio que isto acaba mal.

Plácido – Senhor Luciano, creio que cumpri à risca o meu dever; zelei os seus bens,a sua fortuna, amei-o e eduquei-o como...um filho. Hoje que sou vítima de sua ingratidão, podia guardar para mim a herança que lhe pertence, pois que nenhum documento lha assegura, e todos ignoravam o que acabo de referir: quero, porém, dar-lhe um último e inútil exemplo de probidade. (Dando papéis) Eis aqui as minhas contas: pode mandar receber a sua herança; o senhor possui quinhentos mil cruzados.

Prudêncio – Este meu cunhado é doido!

Afonsina – Como procederá agora Luciano?...

Plácido – eis as minhas contas, repito; examine-as e dê-me as suas ordens. Uma última palavra: compreenda que faço um sacrifício falando-lhe ainda, e que estou ansioso por concluir depressa. Senhor, sei que se ufana do nome de patriota; é um belo nome, sem dúvida, e que exprime uma idéia grandiosa; mas não basta ser valente para ser patriota, como ser bravo nãoé ser honrado. O patriota é aquele que além de estar pronto a dar a vida pela causa do seu país, sabe também honrá-lo com a prática de virtudes, e com o exemplo da honestidade; o patriota prova que o é no campo de batalha, nos comícios públicos, no serviço regular do estado e nos seio da família; em uma palavra, quem não é homem probo, não pode ser patriota. Eis o que pretendia dizer-lhe; agora separemo-nos para sempre: aqui tem as minhas contas, e dê-me as suas ordens. (*Luciano fica imóvel*)

Afonsina – Oh! ele não aceita!

Plácido – Receba-as, senhor, e deixei-nos em paz. (*Luciano recebe os papéis).*

Afonsina – E aceitou...meu Deus!

Velasco (*À parte*) – Quinhentos mil cruzados de menos no bolo!

Luciano – Vou retirar-me; antes, porém, de o fazer, também direi uma única...e derradeira palavra. Fui condenado sem ser ouvido: transformou-se contra mim a calúnia em verdade, e puniram-me com o insulto e com a humilhação. Curvo-me diante do único homem que o podia fazer impunemente. Senhor, fácil me fora desfazer em um instante todo esse indigno enredo em que me envolveram, mas o meu orgulho me cerra os lábios, e não descerei a desculpar-me; ao insulto seguirá em breve o arrependimento; no entanto...vou retirar-me; esta riqueza, porém, que vossa mercê me atirou ao rosto em um tal momento...essa riqueza...oh! senhor, um patriota também prova que o é, levantando-se diante do opróbrio... Oh! vossa mercê definiu perfeitamente o patriota e o homem honrado: deu-me, porém, a definição e não me apresentou o exemplo; pois o exemplo quero eu dar-lho: Ei-lo aqui! (Rasga os papéis)

Afonsina – É o meu Luciano! Eu o reconheço!...

Plácido – Senhor! Despreza a herança de seu pai?...

Luciano – Não desprezo a herança de meu pai; revolto-me contra a afronta de meu tio. Riquezas! Eu as terei; a terra abençoada por Deus, o Brasil, minha bela e portentosa pátria, abre ao homem que trabalha um seio imenso repleto de tesouros inesgotáveis; colherei, pois, esses tesouros por minhas mãos, enriquecerei com o meu trabalho, e ninguém, ninguém jamais terá o direito de humilhar-me!

Prudêncio – É outro doido! Creio que a loucura é moléstia hereditária nesta família.

Luciano – Vossa mercê não será deportado, eu o juro; descanse; mas o seu denunciante, esse...esse miserável que se esconde nas trevas, esse...hei de conhecê-lo e curvá-lo de joelhos a meus pés, e ...adeus, senhor...Afonsina!...

Afonsina – Luciano!

Leonídia (*Dentro*) – Parabéns! Parabéns!

Plácido – Leonídia...

Velasco (*Á parte*) – Pior está essa!...

CENA XII
Os precedentes, e Leonídia

Leonídia – Plácido!...(*Abraça-o)* Cheguei tarde, meu amigo, tudo já estava feito: Luciano tinha assinado uma fiança por ti e suspendido a tua deportação...

Plácido – Luciano?! perdão, meu filho! Perdoa a teu pai!

Luciano – Meu pai! O meu coração nunca o acusou...

Velasco (*À parte*) – Chegou o momento de por-me longe daqui...vou sair sorrateiramente...

Leonídia – Pois duvidaste de Luciano? dele, que há dois dias só se ocupa de salvar-te?

Plácido – Senhor Velasco!... (*Voltando-se*) Devo-lhe o ter feito a meu filho uma grande injustiça; venha defender-me...(*Trá-lo pelo braço*)

Velasco – Segue-se que fui enganado também...palavra de honra...palavra de honra...

Plácido – Não jure pela honra...não a tem para jurar por ela...

Prudêncio – Mas que alma de Judas foi então o denunciante?

Leonídia – Negam-me o seu nome; mas eis aqui uma carta para Luciano.

Luciano *(Depois de ler*) – O denunciante...Ei-lo! (*Mostrando Velasco*).

Plácido – Miserável!... (*Luciano o suspende*).

Prudêncio – Pois vocês caíram em acreditar naquele ilhéu?...

Luciano – Sirva-lhe de castigo a sua vergonha: os bons vingam-se de sobra do homem indigno, quando o expulsam da sua companhia...o denunciante é baixo e vil, e o denunciante falsário um abjeto, a quem não se dirige a palavra, nem se concede a honra de um olhar. (Sem olhá-lo, aponta para a porta, e Velasco sai confuso e envergonhado) Afonsina!

Plácido – É tua, meu filho...o altar vos espera...não nos demoremos...vamos.

Leonídia – Vai, minha filha, vai e sê feliz! (Abre-se a porta da sala do fundo; os noivos e a companhia vão para o altar: Leonídia só fica na cena, ajoelha-se e ora).

Coro – Nas asas brancas o anjo da virtude
Os puros votos leve deste amor,
E aos pés de Deus depositando-os, volte
E aos noivos traga a bênção do Senhor.

Afonsina e Luciano – Minha mãe!...

Leonídia (*Abraçando-os*) – Meus filhos!...

Prudêncio – Agora ao banquete! Ao banquete! Estou no meu elemento!...(*Ouve-se música e gritos de alegria*) Misericórdia!...parece toque de rebate...

Luciano – Oh! é a feliz nova que rebenta, sem dúvida! Meu pai! Minha mãe! Afonsina! É a Independência...eu corro...(*Vai-se*)

Plácido – Os sinais não são de rebate, são de alegria...

Leonídia – E Luciano...se ele se foi expor...

Afonsina – Não, minha mãe; meu esposo foi cumprir o seu dever.

Prudêncio – Esta minha sobrinha nasceu para general.

CENA XIII
Os precedentes, e Luciano *ornado de flores*

Luciano – Salve!salve! o Príncipe imortal, o paladim da liberdade chegou de S. Paulo, onde a 7 deste mês, nas margens do Ipiranga, soltou o grito "Independência ou Morte" grito heróico, que será doravante a divisa de todos os Brasileiros...ouvi!ouvi! (Aclamação dentro Sim! – Independência ou Morte!"

Prudêncio – Por minha vida! Este grito tem assim alguma coisa que parece fogo...faz ferver o sangue nas veias, e é capaz de fazer de um medroso um herói...O diabo leve o medo!...quando se escuta um destes gritos elétricos, não há, não pode haver Brasileiro, de cujo coração e de cujos lábios não rompa esse mote sagrado... "Independência ou Morte!"

Vozes (*Dentro*) – Viva a Independência do Brasil!... Viva! Viva!

CENA XIV
Os precedentes e multidão – Homens ornados de flores e folhas; um traz a bandeira nacional. Entusiasmo e alegria. Vivas à Independência.

Luciano – (*Tomando a Bandeira*) – Eis o estandarte nacional; Viva a nação brasileira!...

Afonsina – Dá-me essa nobre e generosa bandeira. (*Toma-a*) Meu pai: eis o estandarte da pátria de teus filhos! Abraça-te com ele, e adota por tua pátria a nação brasileira, que vai engrandecer-se aos olhos do mundo!...

Plácido – Terra de amor, terra de liberdade, terra de futuro e de glória! Brasil querido! Aceita em mim um filho dedicado!...

(*Aclamações, vivas e o Hino da Independência)*

FIM DO PRIMEIRO E ÚNICO ATO